



GT 09. Antropologia das Mobilidades

Coordenador(es):

André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Candice Vidal e Souza (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sessão 1

Debatedor/a: John Cunha Comerford (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Cristina Patriota de Moura (UNB - Universidade de Brasília)

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se “entre” lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

Andarilho, Peão, Trabalhador, Pioneiro: Variações e Transformações nos Sentidos e Práticas Associados ao Correr o Trecho.

Autoria: André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Como inúmeros works vêm mostrando ao longo da última década, o vocabulário, os valores e as práticas associadas à ideia de “trecho” vêm se fazendo presente num vasto espectro de atividades, regiões e universos sociais, com pessoas e grupos os mais variados se servindo disso para significar e estruturar suas experiências de mobilidade, circulação, andança ou viagem. Pesquisando esse tema há mais de uma década, pretendemos agora explorar mais detidamente as relações entre os múltiplos usos possíveis desse código (aqui entendido como a articulação daqueles vocabulários, valores, práticas e ideias). Para isso, examinamos certos contextos onde pudemos presenciar o uso do código do trecho na expressão de experiências díspares, mas relacionadas. Num primeiro caso, consideremos como se relacionam e se articulam as vivências do “peão do trecho” – costumeiramente enfrentando precariedades de toda ordem, e frequentemente associado ao work em condições análogas à escravidão – com o que se passa com técnicos qualificados e engenheiros que se apresentam também como pessoas que “rodam o trecho”. Interessa-nos pensar como um certo processo de “elitização” desse código articula-se, por um lado, com transformações na economia brasileira ao longo da última década; por outro, o mesmo processo oferece pistas para pensarmos a perenidade de certos valores (como o “aventureirismo” ou o “pioneirismo”) presentes em certas atividades econômicas



extrativistas?. Num outro caso, focamos nos relatos e histórias de um rapaz, e nos diferentes modos como ele recorre ao código em questão para descrever experiências vividas por ele que, a seus próprios olhos, são distintas (mas também relacionáveis): em primeiro lugar, o período em que passou longe de casa, trabalhando na construção de uma estrada no interior de Minas Gerais; em segundo, a época em que viveu como andarilho, perambulando por diversas cidades de Minas Gerais e Espírito Santo na companhia de um colega, recorrendo a mangueios para sobreviver. Aqui, buscaremos examinar como certas concepções e práticas populares a respeito da mobilidade oferecem-nos pistas a respeito de sentidos e transformações no mundo do work.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: